

# A (Não) Efetividade das Ciências Jurídicas no Brasil

**Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos**  
**(Organizador)**



**Atena**  
Editora

Ano 2020

# A (Não) Efetividade das Ciências Jurídicas no Brasil

**Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos**  
**(Organizador)**



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editores:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Karine de Lima

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

N194 A (não) efetividade das ciências jurídicas no Brasil [recurso eletrônico]  
/ Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta  
Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-965-3

DOI 10.22533/at.ed.653202701

1. Direito – Brasil. 2. Direito – Filosofia. I. Vasconcelos, Adaylson  
Wagner Sousa de.

CDD 340

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A (Não) Efetividade das Ciências Jurídicas no Brasil, coletânea de vinte e quatro capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Ciências Jurídicas e diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Por mais que a proposta da obra seja lançar um olhar minucioso para a realidade das ciências jurídicas e a sua aplicabilidade ou não no sistema brasileiro, é por demais restritivo não abrir diálogo com realidades vividas por outros países. Permitir o diálogo entre países, entre organizações e organismos externos lança a possibilidade ainda maior, frequente e frutífera de verificação de propostas de avanço, seja no campo legislativo ou até mesmo judicial concreto, cada vez mais fomentando a efetivação das diretrizes legais já estabelecidas pelos setores sociais competentes.

É assim que iniciamos com O CASO COMUNIDAD GARÍFUNA TRIUNFO DE LA CRUZ VS HONDURAS E O POTENCIAL EMANCIPATÓRIO JUNTO A CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS, de Daniela Mesquita Leutchuk de Cademartori e Marlise da Rosa Luz, que apresenta mais um caso de tentativa de invisibilidade de grupos vulneráveis, no caso específico de quilombolas, na realidade latino-americana, precisamente Honduras.

Em momento subsequente, temos contribuições como DEMOCRACIA E CONSTITUCIONALISMO: CRISES ATUAIS, RAÍZES PROFUNDAS, de Gustavo Lima da Silva, O CONTROLE DE CONSTITUCIONALIDADE DO PODER JUDICIÁRIO SOBRE A SEGURANÇA PÚBLICA: CRITÉRIOS E LIMITES, de Maria Helena Abdanur Mendes dos Santos e Pedro Abdanur Mendes dos Santos, A BUSCA DE UMA MORAL EXTERNA AO ORDENAMENTO: UMA ATITUDE ORGANICISTA NA PERSPECTIVA DE UMA VISÃO CONSTITUCIONAL GARANTISTA, de Mailson Sanguini Vaz e Alexandre Almeida Rocha e O TODO PODEROSO STF: QUEM PODE FREAR ESSE PODER?, de Ricardo Daniel Sousa do Nascimento e Marcelo Leandro Pereira Lopes, estas que discutem questões como as crises na democracia e no constitucionalismo, o controle de constitucionalidade, moral externa e ordenamento jurídico, além do sistema de pesos e contrapesos e o STF.

Alcançando a relação de direitos humanos e efetividade, Luan Pereira Cordeiro, em A GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS ATRAVÉS DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE CIDADANIA INCLUSIVA, lança olhar para o papel das políticas públicas nesse exercício de materialização necessário. É também com esse mesmo olhar que AÇÃO CIVIL PÚBLICA E A PROTEÇÃO À HONRA E À DIGNIDADE DE GRUPOS RACIAIS, ÉTNICOS E RELIGIOSOS, de Pedro Victor Souza Marques e Antonio Alves Pereira Neto, vê o instrumento da Ação civil Pública como mecanismo eficaz de resguardo para grupos minoritários que diuturnamente têm seus direitos minimizados.

Na sequência, as colaborações que surgem versam sobre o direito do idoso, direito de habitação, atividade médica e suas responsabilidades, direito à saúde e

direito à educação indígena a partir dos estudos O DIREITO DO IDOSO NO BRASIL: EVOLUÇÃO, NORMATIZAÇÃO E EFETIVIDADE, de Thaynná Batista de Almeida, Arianne Bento de Queiroz e Clésia Oliveira Pachú, CAMPO NO BRASIL URBANO: INSTRUMENTOS JURÍDICOS DO ESTADO PARA A HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL NOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA, de Maria Cândida Teixeira de Cerqueira e Amadja Henrique Borges, A RESPONSABILIDADE CIVIL DO MÉDICO E DO ATLETA NOS CASOS DE DOPING, de Stephanie Raianny Borba, Jorcy Erivelto Pires e Simone de Fatima Colman Martins, EQUIDADE NO SISTEMA DE SAÚDE: O CENÁRIO DE OLVIDAMENTO DAS CARDIOPATIAS CONGÊNITAS, de Ariane Selma Schislowicz da Costa, PERFIL DOS CASOS JUDICIALIZADOS DE PLANOS DE SAÚDE RELATIVOS A PROCEDIMENTOS ODONTOLÓGICOS NO TJPE, de Priscilla Chaves Bandeira Veríssimo de Souza, Alysson de Azevedo Santiago, Maria Heloisa Martins, Brenda Rocha Borba de Andrade, Paloma Rodrigues Genu, Adriana Paula de Andrade da Costa e Silva Santiago e Vinicius José Santiago de Souza, e O DIREITO À EDUCAÇÃO INDÍGENA EM FACE DA REALIDADE SUL-MATO-GROSSENSE, de Antônio Hilário Aguilera Urquiza, Evanir Gomes dos Santos e José Paulo Gutierrez.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: REFLEXÕES À LUZ DO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DA SOCIEDADE BRASILEIRA, de Messias da Silva Moreira e Thaís Janaina Wenczenovicz, aponta para a relação entre educação e direitos humanos, algo extremamente importante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Resgatando o tema de políticas públicas ou ações afirmativas, agora com o enfoque na educação superior, apresentamos AS AÇÕES AFIRMATIVAS DE INCLUSÃO ÉTNICA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA ANÁLISE SOBRE A ADPF 186 E A CONVENÇÃO INTERNACIONAL DE ELIMINAÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL, de Gilson Tavares Paz Júnior.

Ainda na temática escola, OS JOVENS DA ESCOLA PÚBLICA: ESTUDO, LAZER E O TRABALHO, de Angela Maria Corso, e A BIOPOLÍTICA NAS RELAÇÕES DE VIOLÊNCIA ESCOLAR, de Simone de Oliveira Souza, Clarisse Paiva de Oliveira e Taiara Giffoni Quinta dos Santos, abordam desde o exercício de direitos a partir do ambiente escolar, até mesmo as relações de violência verificadas nesse espaço bastante relevante na formação social do sujeito. Ainda abordando o contexto da criança e do adolescente, Joice Miranda Schmücker, Andressa Chaves Tosta e Jéssica Silva da Paixão ofertam as suas análises sobre a significância da justiça restaurativa para adolescentes em CONTRIBUIÇÕES DA JUSTIÇA RESTAURATIVA PARA PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES EGRESSOS DO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO.

Escritas que marcam afirmações na educação, mas agora no âmbito superior, ainda mais precisa no ensino jurídico e desdobramentos como nos casos de pesquisa e extensão universitária, apontamos ENSINO JURÍDICO: CONJUNTURA E PERSPECTIVAS, de Adelcio Machado dos Santos, UNIVERSIDADE, PESQUISA E RESPONSABILIDADE SOCIAL: INTERLOCUÇÃO ENTRE GÊNERO E RAÇA NA FORMAÇÃO JURÍDICA, de Núbia Oliveira Alves Sacramento, Laís de Almeida Veiga

e Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima, e PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE DIREITO: O ESTUDANTE EM CONTATO COM A REALIDADE SOCIAL, de Luís Henrique Bortolai.

Encaminhadas análises que problematizam direitos e garantias assegurados e disciplinados pela nossa Lei Maior, agora finalizamos com capítulos que tratam da seara criminal, especificamente sobre crime de violência doméstica e feminicídio, A APLICAÇÃO DAS PENAS RESTRITIVAS DE DIREITO NOS CRIMES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, de Isabella Godoy Danesi e Rauli Gross Junior, A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER NA COMARCA DE JATAÍ/GO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O ESTUDO ESPACIAL, por Alisson Carvalho Ferreira Lima e Naiana Zaiden Rezende Souza, e FEMINICÍDIO NO ESTADO DE GOIÁS, de Thaís Marinho de Souza e Leocimar Rodrigues Barbosa.

Desta feita, estão todos convidados a dialogar com os estudos aqui reunidos.

Tenham leituras valorosas!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O CASO COMUNIDAD GARÍFUNA TRIUNFO DE LA CRUZ VS HONDURAS E O POTENCIAL EMANCIPATÓRIO JUNTO A CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS	
Daniela Mesquita Leutchuk de Cademartori Marlise da Rosa Luz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6532027011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
DEMOCRACIA E CONSTITUCIONALISMO: CRISES ATUAIS, RAÍZES PROFUNDAS	
Gustavo Lima da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6532027012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>38</b>
O CONTROLE DE CONSTITUCIONALIDADE DO PODER JUDICIÁRIO SOBRE A SEGURANÇA PÚBLICA: CRITÉRIOS E LIMITES	
Maria Helena Abdanur Mendes dos Santos Pedro Abdanur Mendes dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6532027013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>51</b>
A BUSCA DE UMA MORAL EXTERNA AO ORDENAMENTO: UMA ATITUDE ORGANICISTA NA PERSPECTIVA DE UMA VISÃO CONSTITUCIONAL GARANTISTA	
Mailson Sanguini Vaz Alexandre Almeida Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6532027014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>63</b>
O TODO PODEROSO STF: QUEM PODE FREAR ESSE PODER?	
Ricardo Daniel Sousa do Nascimento Marcelo Leandro Pereira Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6532027015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>79</b>
A GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS ATRAVÉS DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE CIDADANIA INCLUSIVA	
Luan Pereira Cordeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6532027016</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>91</b>
A AÇÃO CIVIL PÚBLICA E A PROTEÇÃO À HONRA E À DIGNIDADE DE GRUPOS RACIAIS, ÉTNICOS E RELIGIOSOS	
Pedro Victor Souza Marques Antonio Alves Pereira Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6532027017</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>103</b>
O DIREITO DO IDOSO NO BRASIL: EVOLUÇÃO, NORMATIZAÇÃO E EFETIVIDADE	
Thaynná Batista de Almeida	
Ariane Bento de Queiroz	
Clésia Oliveira Pachú	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6532027018</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>115</b>
O CAMPO NO BRASIL URBANO: INSTRUMENTOS JURÍDICOS DO ESTADO PARA A HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL NOS ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA	
Maria Cândida Teixeira de Cerqueira	
Amadja Henrique Borges	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6532027019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>122</b>
A RESPONSABILIDADE CIVIL DO MÉDICO E DO ATLETA NOS CASOS DE DOPING	
Stephanie Raianny Borba	
Jorcy Erivelto Pires	
Simone de Fatima Colman Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>134</b>
EQUIDADE NO SISTEMA DE SAÚDE: O CENÁRIO DE OLVIDAMENTO DAS CARDIOPATIAS CONGÊNITAS	
Ariane Selma Schislowicz da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>143</b>
PERFIL DOS CASOS JUDICIALIZADOS DE PLANOS DE SAÚDE RELATIVOS A PROCEDIMENTOS ODONTOLÓGICOS NO TJPE	
Priscilla Chaves Bandeira Veríssimo de Souza	
Alysson de Azevedo Santiago	
Maria Heloisa Martins	
Brenda Rocha Borba de Andrade	
Paloma Rodrigues Genu	
Adriana Paula de Andrade da Costa e Silva Santiago	
Vinicius José Santiago de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>149</b>
O DIREITO À EDUCAÇÃO INDÍGENA EM FACE DA REALIDADE SUL-MATO-GROSSENSE	
Antônio Hilário Aguilera Urquiza	
Evanir Gomes dos Santos	
José Paulo Gutierrez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270113</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>163</b>
PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: REFLEXÕES À LUZ DO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DA SOCIEDADE BRASILEIRA	
Messias da Silva Moreira Thaís Janaina Wenczenovicz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>177</b>
OS JOVENS DA ESCOLA PÚBLICA: ESTUDO, LAZER E O TRABALHO	
Angela Maria Corso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>200</b>
A BIOPOLÍTICA NAS RELAÇÕES DE VIOLÊNCIA ESCOLAR	
Simone de Oliveira Souza Clarisse Paiva de Oliveira Taiara Giffoni Quinta dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>211</b>
CONTRIBUIÇÕES DA JUSTIÇA RESTAURATIVA PARA PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES EGRESSOS DO SISTEMA SÓCIOEDUCATIVO	
Joice Miranda Schmücker Andressa Chaves Tosta Jéssica Silva da Paixão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>217</b>
ENSINO JURÍDICO: CONJUNTURA E PERSPECTIVAS	
Adelcio Machado dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>229</b>
UNIVERSIDADE, PESQUISA E RESPONSABILIDADE SOCIAL: INTERLOCUÇÃO ENTRE GÊNERO E RAÇA NA FORMAÇÃO JURÍDICA	
Núbia Oliveira Alves Sacramento Laís de Almeida Veiga Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>237</b>
PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CURSO DE DIREITO: O ESTUDANTE EM CONTATO COM A REALIDADE SOCIAL	
Luís Henrique Bortolai	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270120</b>	

<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>243</b>
A APLICAÇÃO DAS PENAS RESTRITIVAS DE DIREITO NOS CRIMES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	
Isabella Godoy Danesi	
Rauli Gross Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>258</b>
A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER NA COMARCA DE JATAÍ/GO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O ESTUDO ESPACIAL	
Alisson Carvalho Ferreira Lima	
Naiana Zaiden Rezende Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270122</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>264</b>
FEMINICÍDIO NO ESTADO DE GOIÁS	
Thaís Marinho de Souza	
Leocimar Rodrigues Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65320270123</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>276</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>277</b>

## OS JOVENS DA ESCOLA PÚBLICA: ESTUDO, LAZER E O TRABALHO

*Data de aceite: 17/01/2020*

**Angela Maria Corso**

Docente do curso de Pedagogia - UNICENTRO

Doutoranda em Educação – UNICAMP

Email: amcorso@hotmail.com

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é apresentar um recorte da pesquisa que está sendo desenvolvida no doutoramento na Unicamp, na linha Educação e Trabalho, o qual tem como sujeitos da pesquisa os jovens das escolas que foram ocupadas pelos estudantes do ensino médio, em 2016, numa cidade pequena no interior do Paraná, pelo potencial de ação sóciopolítica que aquele movimento representou. Neste texto pretendemos analisar as trajetórias de vida e de trabalho dos jovens estudantes, com base no levantamento das condições que têm para viver a juventude, as formas de lazer e a forma de trabalho a que estão submetidos, mediante análise do questionário que foi aplicado nas turmas do ensino médio de três escolas que tinham sido ocupadas na cidade. O questionário foi construído composto por questões fechadas de múltipla escolha, mas permitindo resposta espontânea. Foram aplicados 347 questionários, os dados foram tabulados no programa Excel,

tratados de maneira agregada e analisados de forma descritiva, com apoio de gráficos ou quadro descritivo. Adotamos os conceitos de interseccionalidade e/ou consubstancialidade como categorias fundamentais no processo de investigação sobre a juventude, com intenção de explorar em que medida as relações sociais de classe, gênero e raça produzem diferenças ou desigualdades nas trajetórias de vida dos jovens. Nesta pesquisa, gênero aparece como um componente importante para análise de alguns dados, mas não sem o cruzamento com outras relações sociais, como a classe social. Nesse caso, ao analisarmos os dados do questionário, tomaremos como referência, por exemplo, que o gênero é uma relação social, interseccionada pelas outras dimensões, como raça e classe social, mas, mais importante que considerá-las, é colocá-las em relação, como disse Kergoat (2016, p.21): “partir das relações sociais que fabricam tais categorias”. A maioria dos jovens que responderam o questionário tinha de 17 a 18 anos. Por isso, para contagem e tabulação dos dados não sentimos necessidade de separar por grupos etários. A idade dos jovens que responderam o questionário acena para trajetórias atravessadas por alguma experiência de reprovação, mas não de abandono da escola, tendo em vista que a idade regular para conclusão do ensino médio nos documentos oficiais é 17 anos. Dos 347 jovens

estudantes que responderam o questionário, 153 identificaram-se como pertencentes ao sexo masculino e 194 ao sexo feminino. Observamos um número maior de meninas concluído o ensino médio, movimento que acompanha a evolução da escolarização média das mulheres no Brasil, que no geral tem superado a dos homens. Há uma diferença significativa entre meninos e meninas no que tange à orientação sexual, em especial no que se refere à manifestação sobre a bissexualidade – nos fez questionar se estamos diante de uma relação social de sexo-gênero, onde homens e mulheres posicionam-se diferentemente nessa relação por, possivelmente, serem afetados de forma diferente por ela. Que nos faz pensar conjuntamente como se articulam com as relações de classe, tendo em vista que é na escola mais pobre, onde a bissexualidade feminina encontra maior expressão e os meninos manifestaram maior preconceito. No que diz respeito a caracterização do tempo livre dos jovens, nossa intenção foi levantar algumas características do tempo que não é ocupado pela escola, pelo trabalho ou por obrigações familiares. Entendendo que a ocupação do tempo livre e atividades de lazer depende de aspectos culturais, das oportunidades que a cidade oferece, das possibilidades dada pela condição socioeconômica, das marcações de sexo e gênero. Três pontos ficaram em evidência: 1. A restrição de acesso às atividades recreativas, que segundo Elias e Dunning (1992) são as atividades de tempo livre que apresentam características de lazer. 2. A variabilidade na composição social dos jovens das escolas de centro e de periferia, atrelada a fatores como - classe social, sexo e gênero apontaram importantes diferenças, mas também desigualdades no acesso dos jovens a diversos produtos da humanidade, como a cultura, o lazer e a tecnologia. 3. A sociabilidade aparece como o elemento central na ocupação do tempo livre dos jovens e é um momento de construções sociais com múltiplas mediações. Por último, uma parcela significativa dos jovens tem a vida envolvida em atividades de trabalho, 35% do meninos, 22% das meninas, trabalham. Entretanto podemos notar que a busca pelo emprego é superior nas respostas das jovens de sexo feminino. Esse pode ser um indicativo que provém de uma maior dificuldade dos jovens do gênero feminino em conseguir trabalho, dos arranjos familiares que levam a postergar o ingresso das filhas no mercado de trabalho para depois da conclusão do ensino médio ou ainda porque a inserção da mulher no trabalho doméstico inicia muito cedo para muitas meninas, tanto, que 10% das meninas já se consideram responsáveis pelas atividades domésticas, enquanto que nenhum menino tenha marcado essa opção. É perceptível também os jovens estudantes representam um leque de trabalhadores do setor de serviços, que estão inseridos no mercado, quando há, por estágio pelo CIEE e ou pelo Programa Jovem aprendiz ou na informalidade. Os jovens que trabalham, em torno de 30% deles, realizam atividades de meio período e conciliam com a escola. Desses, em torno de 60% trabalham para seus gastos individuais e 40% para auxiliar nos gastos da família. Mesmo com postos de trabalho de pouco prestígio social e com baixa remuneração o trabalho dos jovens e de meio período é a saída para muitos jovens não abandonarem a escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude, lazer, trabalho

## 1 | INTRODUÇÃO

O objetivo desse texto foi analisar as trajetórias de vida e de trabalho dos jovens estudantes na cidade de Irati, com base no levantamento das condições que têm para viver a juventude, as formas de lazer e a forma de trabalho a que estão submetidos, mediante análise do resultado do questionário que foi aplicado nas turmas de terceiro ano do ensino médio de três escolas da cidade, em 2018.

Irati fica distante aproximadamente 155 quilômetros da capital, Curitiba, é uma cidade situada na região sudeste do estado do Paraná, constituía por vinte e um municípios, dos quais se destacam Irati e União da Vitória em função de suas dimensões populacionais e níveis de polarização (PARANÁ, 2013). Geograficamente, Irati está localizada em uma zona de transição entre uma economia propriamente agrícola, característica da região sudeste, e os centros dinâmicos da economia paranaense, localizados a leste, como Ponta Grossa e (distante 85,4km) e a Região Metropolitana de Curitiba (155 km). Regionalmente, concorre com Guarapuava (110 km distante) pela aglutinação de recursos econômicos e de contingente populacional.

O questionário foi construído composto por 45 questões fechadas de múltipla escolha, mas permitindo resposta espontânea. Neste artigo estamos trabalhando com parte dos dados desse questionário – 1. caracterização geral dos jovens (idade, sexo, estado civil, cor), 2. lazer e 3. trabalho – de modo geral, os três tópicos que organizam o artigo. Foram aplicados 347 questionários, os dados foram tabulados no programa Excel, tratados de maneira agregada e analisados de forma descritiva, com apoio de gráficos ou quadro descritivo.

Além do resultado do questionário, para construção desse artigo foram utilizados dados estatísticos que permitiram situar o campo de pesquisa, o mercado de trabalho para os jovens de Irati, bem como os equipamentos de lazer da cidade.

Estamos tratando a juventude como uma categoria heterogênea, atravessada por condições diversas e desiguais, que, de modo geral, referem-se ao contexto social e histórico, mas também às relações de classe, gênero, cor/raça. Ao fazer isso, estamos dizendo que a heterogeneidade que constitui o próprio grupo que estamos categorizando aqui a partir do termo juventude produz diversidade, mas também desigualdade, pois o modo como o período da juventude é vivida pode restringir as possibilidades de acesso a diversos produtos da humanidade, como o trabalho, a cultura, a política, o lazer, a ciência e a tecnologia.

Frente a isso, Dayrell, Abramo, Sposito em vários trabalhos, tem utilizado os termos condição e situação como duas dimensões para analisar as diferenças entre a concepção de juventude e as possibilidades que os jovens têm para vivê-la. Para Dayrell (2007) a condição juvenil é o modo como uma sociedade atribui significado a essa fase da vida e situação juvenil é, então, o modo como tal condição é vivida considerando as diferenças de gênero, classe, cor/raça, espaço, etc.

Tomando como base esses pressupostos, adotamos os conceitos de

interseccionalidade e/ou consubstancialidade como categorias fundamentais no processo de investigação sobre a juventude, com o propósito de explorar em que medida as relações sociais de classe, gênero, raça, produzem diferenças ou desigualdades nas trajetórias de vida dos jovens.

## 2 | QUEM SÃO OS JOVENS?

A maioria dos jovens que responderam ao questionário tinha entre 17 e 18 anos. Por isso, pela proximidade de idade entre eles, não sentimos necessidade de separar por grupos etários para contagem e tabulação dos dados. A idade dos jovens que responderam o questionário acena para trajetórias atravessadas por alguma experiência de reprovação, mas não de abandono da escola, tendo em vista que a idade regular para conclusão do ensino médio nos documentos oficiais é 17 anos. Porém, quando olhamos para os dados do município de objeto da pesquisa no censo do IBGE (Brasil, 2010), há indicadores de que 79,7% (setenta e nove vírgula sete por cento) dos jovens 15 a 17 anos frequentavam a escola e somente 54,8% (cinquenta e quatro vírgula oito por cento) estavam matriculados no ensino médio. Isso informa que, na medida em que o jovem consegue permanecer no sistema educacional, a compreensão de suas experiências e das desigualdades que as atravessam parece demandar análises cada vez mais delicadas das trajetórias de vida (SPOSITO; SOUZA E SILVA, 2018). Ou, deve-se ainda buscar nesse quadro expressivo de abandono ou desistência escolar o que leva esses jovens a permanecer na escola. (RIBEIRO, 2016).

Dos 347 jovens estudantes que responderam o questionário, 153 identificaram-se como pertencentes ao sexo masculino e 194 ao sexo feminino. Considerando que o questionário foi aplicado em todas as turmas finais do ensino médio das três escolas e que todos os estudantes presentes responderam ao instrumento, observamos um número maior de meninas concluindo o ensino médio, movimento que acompanha a evolução da escolarização média das mulheres do município, que no geral tem superado a dos homens - o censo escolar entre 2007 a 2014 aponta que a participação de matrículas de mulheres é superior, seja no ensino profissional ou no ensino médio, embora esse distanciamento venha caindo na última modalidade.

A maioria, 97% de sexo masculino, 94% do sexo feminino, são solteiros. Na escola urbana todos são solteiros. Contudo, é necessário ressaltar que muitos jovens afirmaram que não estavam contemplados na resposta sobre o estado civil – solteiro, casado, mora com um/a companheiro(a) ou outros, pois consideraram que o estado civil no qual se reconheceriam seria “namorando”. Ao tabular os dados, também observamos várias respostas na opção “outros” e a anotação “namorando”. Parece que há uma heterogeneidade na forma como os jovens significam os relacionamentos afetivos ou então teria havido um entendimento de que a pergunta se relacionava ao relacionamento afetivo e não ao estado conjugal ou civil.

Deste modo, percebemos que o namoro é bastante valorizado por eles e parece

ter uma dimensão de maior envolvimento da sexualidade e do compromisso. Esse aspecto também é notável na pesquisa de Abramovay (2004), que traz uma discussão entre o “ficar” e o “namorar”, apontando que as relações de namoros são consideradas mais estáveis pelos próprios jovens:

Nos discursos dos jovens o ficar configura-se, de certa forma, como uma interação afetiva e sexual onde se pode lidar com as demandas referentes às relações de namoro, consideradas mais rígidas. Neste sentido, o ficar aparece como uma forma alternativa ao namorar, cujos aspectos mais enfatizados por rapazes e moças, dizem respeito ao relaxamento dos acordos mais complexos, pertinentes às relações estáveis. (ABRAMOVAY, 2004, p.88)

Quanto à questão sobre a orientação sexual, o enunciado solicitava para responderem caso “se sentissem à vontade” e trazia a opção: heterossexual, homossexual, bissexual e a opção outra, com um campo para anotação. Na escola do centro e na escola do bairro periférico, em quase todas as turmas, principalmente os meninos, manifestaram dúvida ao responder essa questão, pois pareciam desconhecer ou ter suspeita quanto ao significado do termo – heterossexual.

Esse dado parece acenar que o termo “heterossexual” só circula ou só tem sentido quando em oposição a homossexual. No senso comum, entretanto, homossexual é nomeado por meio de outros termos e, quanto à heterossexualidade, por ser a norma, não precisa ser dita, de modo que causa estranhamento nos estudantes para marcarem uma opção: afinal, quem está dentro da norma não precisa nunca caracterizar sua orientação sexual. Além disso, em alguns questionários da escola do bairro respondido pelos meninos encontramos a anotação: “macho”, ficando evidente que, ao se posicionarem com relação à orientação sexual, há um apelo mais forte dos meninos, em especial dos meninos da escola mais pobre, em afirmar a orientação hetenormativa.

Também o resultado do questionário mostra uma diferença significativa entre meninos e meninas no que tange à orientação sexual, em especial no que se refere à manifestação sobre a bissexualidade – nos fez questionar se estamos diante de uma relação social de sexo-gênero, onde homens e mulheres posicionam-se diferentemente nessa relação por, possivelmente, serem afetados de forma diferente por ela.

Para entender a visibilidade da bissexualidade das meninas, recorreremos à teoria Queer e ao conceito de performatividade de gênero, em Butler (2003). Para a autora, o gênero faz parte da constituição da pessoa, não é natural, mas ritualizado, repetido, normatizado. Essa norma criou uma matriz heteronormativa em que o sexo biológico é que produz o gênero e, em consequência, o desejo. A Teoria Queer<sup>1</sup>, por sua vez, se posiciona contra essa normatividade que marginaliza as performances alternativas.

Trata-se de uma teoria que produz um giro nas teorias de gênero, ao introduzir uma

<sup>1</sup> O termo Queer é utilizado por Judite Butler nos anos 90 como referência a toda performance que resiste à heteronormatividade, portanto, pode ser utilizado para desestabilizar o binarismo que se produz por meio do par heterossexual/homossexual e, ainda, desnaturalizar a definição da sexualidade baseada no sexo/gênero da pessoa desejada.

noção que coloca em xeque a divisão binária heterossexualidade/homossexualidade.

A teoria da performatividade de Butler baseia-se no conceito do filósofo da linguagem, John Langshaw Austin, de “performativo”. Performativos seriam enunciados linguísticos que, no momento da enunciação, produzem uma ação, ou seja, trazem algum fenômeno à existência. Por exemplo, quando o médico anuncia à mãe e/ou ao pai que o bebê é um menino, inicia-se ali um processo de socialização daquilo que foi nomeado, um conjunto de ações para com esse bebê que se dão a partir dessa nomeação. Neste sentido, seguindo a perspectiva da análise performativa de Austin, Butler afirma: “a questão não é apenas que a linguagem atua, mas que atua de maneira poderosa”. (BUTLER, 2018, p.35).

A autora afirma ainda que a sexualidade sempre é construída nos termos do discurso e do poder, mas que, embora performativamente seja ordenada, ocorre alguma possibilidade de “subverter e deslocar as noções naturalizadas e reificadas do gênero que dão suporte à hegemonia masculina e ao poder heterossexista, para criar estratégias de mobilização e proliferação das categorias”. (BUTLER, 2003, p.60). Além disso, para a autora, as pessoas que se declaram bissexuais sofrem pressão da matriz heteronormativa, mas também das pessoas que se identificam como homossexuais, por não se encaixarem no binarismo heterossexual/homossexual.

Para Butler (2003), devido ao seu caráter ambivalente, a bissexualidade é a mais polêmica e controversa das orientações sexuais, pois para cada gênero é esperada uma personalidade e apenas um objeto de desejo sexual.

A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que esses são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea”. [...] Ora, do ponto de vista desse campo, certos tipos de “identidade de gênero” parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente porque não se conformam as normas da inteligibilidade cultural. (BUTLER, 2003, p.38-39).

Entendemos que o resultado sobre a orientação sexual nesse estudo mostra a produção de uma oposição entre “feminino” e “masculino”, pois, surpreendentemente, os dados revelam que a bissexualidade é quase inexistente na identificação dos jovens do sexo masculino do grupo pesquisado, e, contrariamente, ganha visibilidade no grupo das jovens, com maior porcentagem nas jovens da escola do bairro e menor na escola rurbana.

	Heterossexual		Homossexual		Bissexual		Outra		Não Responderam	
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
Escola C	79%	92%	2%	3%	16%	1%	2%	2%	1%	2%
Escola R	88%	79%	0%	7%	8%	0%	0%	0%	4%	14%
Escola B	74%	98%	4%	0%	22%	0%	0%	1%*	0%	1%

Tabela 1: Orientação Sexual

Também na amostra investigada na variável “cor”, a maioria, em torno de 80% dos jovens se classificaram como “cor branca”. Analisamos esse dado separando as respostas por escolas para percebermos se haveria mudança na configuração de cor/raça, observamos também uma diferença de “branqueamento” dos jovens nas respostas da Escola Rurbana, em torno de 10% a mais. A composição social do município registra uma menor concentração de negros, característica geral da região Sul do país e do município com formação típica de imigração polonesa e ucraniana.

O município de Irati, assim como a maioria das cidades do Paraná e da região Sul do país, apresenta uma população negra minoritária (18,0%, somando pretos, 1,1% e pardos, 16,9%). Entretanto, assim como no caso da tendência nacional, regional e estadual, os negros vêm expandindo sua participação no total populacional de Irati, em conta especialmente do aumento da população parda, que passou de 11,0% para 16,9%. As razões para esse aumento populacional vêm sendo debatidas na literatura especializada, mas a principal hipótese é a de reclassificação racial pelos respondentes, possivelmente motivados pela valorização da identidade negra promovida pela adoção de políticas afirmativas em território nacional.

	Amarela		Branca		Indígena		Parda		Preta		Prefiro n/i	
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M
Escola C	1%	2%	71%	72%	0%	0%	25%	17%	1%	5%	2%	4%
Escola R	0%	0%	88%	86%	0%	0%	7%	7%	3%	3%	3%	3%
Escola B	0%	0%	74%	88%	0%	0%	22%	6%	4%	6%	0%	0%

Tabela 2: Classificação da cor

Fonte: Elaborado pela autora a partir do resultado do questionário

### 3 | JOVENS E O LAZER

No que diz respeito à caracterização do tempo livre dos jovens estudantes, apresentamos uma lista de atividades e pedimos que marcassem as atividades de lazer ou o que fazem no tempo livre. Nossa intenção foi levantar algumas características do tempo que não é ocupado pela escola, pelo trabalho ou por obrigações familiares, ponderando que a ocupação do tempo livre e atividades de lazer depende de aspectos culturais, das oportunidades que a cidade oferece, das possibilidades dadas pela condição socioeconômica, das relações sociais e das marcações de sexo e gênero.

Para conhecer as oportunidades que a cidade oferece, buscamos identificar a estrutura de lazer existente na cidade, para isso, utilizamos como referência o documento Inventário da oferta turística do município de Irati, operacionalizado em parceria entre a Prefeitura Municipal de Irati e o Departamento de Turismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Assim, com base nos serviços e equipamentos atrativos

de lazer da cidade apresentados nesse documento e outras fontes secundárias, tais como consulta a jornais da cidade e artigos, apresentamos os principais equipamentos de lazer da cidade dividido em: Equipamentos públicos: espaços culturais, parques urbanos e instalações esportivas; Equipamentos Privados: instalações esportivas, espaços de diversão e recreação – casa noturna pesque pague; Eventos: festividades, eventos tradicionais, que foram separados por religiosos e não religiosos.

Equipamento Público			Equipamento Privado		Evento	
Culturais	Parques urbanos	Instalações Esportivas	Instalações Esportivas	Outros espaços de recreação	Eventos tradicionais na cidade	Eventos tradicionais religiosos
Biblioteca Municipal	Parque Aquático	Estádio Municipal Abraham Nagib Nejm	Estádio Coronel E. Gomes –Iraty Esporte Clube	Cinema.com	Rodeio	Festa da Padroeira
Espaço de Leitura do Sesi, na Vila São João	Praça da Bandeira	Ginásio Municipal de Esportes A Zarpellon	Iraty Esporte Clube	CTG – Centro de Tradição Gaúcha	Cicloturismo	Festa São Cristóvão
Casa da Cultura	Praça do Bairro Lagoa	Quadras (20)	Samuara Clube de Campo	Stúdio de Dança Moderna Isabela P.	Festa do Pêssego	Festa de São Miguel
Sábados Literários	Praça Etelvina Andrade Gomes	Ginásios menores (5)	Atlético União Olímpico Clube poliesportivo	Praça de alimentação e Playground G Center	Corrida de São Cristóvão	Romaria penitencial do Itaparã
	Praça Edgard A. Gomes		Clube de Tiro Irati	Shiva Lounge Bar – Casa noturna	Natal Provopar (Casa do Papai Noel)	Teatro da Paixão de Cristo
	Bosque São Francisco			Park Dance – casa noturna	Festa da polenta	Noite Ucraniana
	Praça da Bíblia Praça			Machadinho Pesqueiro e Piscinas	Iraty Motofest	
				Pesque e Pague & Piscinas Duda	Festa do Kiwi	
				Recanto Luz Sol	Torneio do Trabalhador	
				Pesque & e Pague Camilo	Torneios	
				Kartódromo de Irati - Floresta Nacional de Irati		

Tabela 3: Principais equipamentos de lazer da cidade de Irati

Fonte: Inventário da oferta turística do município de Irati.

Elaboração: a autora

Os dados da tabela (3) apontam também: a escassez de equipamentos culturais, como teatros, o que em grande medida revela uma característica da cultura nacional, já que os teatros estão presentes em apenas 19% das cidades brasileiras (IBGE, 2010); Os ginásios esportivos e quadras, sendo os locais com estruturas e equipamentos próprios mais disseminados no município, revelando característica da cultura nacional relacionada com a prática esportiva, principalmente do futebol. O associativismo em clubes além de mostrar uma característica da cultura nacional, revela ainda as desigualdades de classe social na prática do lazer no interior do município.

Para discutir os termos tempo livre e lazer enquanto conceitos sociológicos buscamos a contribuição de Elias e Dunning (1992) que reconhecem cinco elementos da existência de um tempo livre, tempo liberto das ocupações do trabalho: As atividades familiares, o descanso, as necessidades biológicas, a sociabilidade, e as atividades recreativas, que são as atividades de tempo livre que apresentam características de lazer. Para os autores, as atividades de lazer têm como função a oposição às rotinas da vida social, já que a excitação agradável vai depender do interesse individual, baseado nas experiências e motivações próprias de quem pratica a atividade. Nesse caso, nem todas as atividades de tempo livre são de lazer.

	Escola Centro/F	Escola Centro/M	Escola Bairro/F	Escola Bairro/M	Escola Rurbana/F	Escola Rurbana/M
navego na internet	74	73	61	73	73	65
utilizo as redes sociais	77	63	77	73	69	55
assisto séries	68	49	55	52	39	31
assisto tv	48	37	66	57	60	31
leio	41	19	25	11	21	24
jogo vídeo game	8	53	15	35	13	44
pratico esportes	27	50	14	70	17	58
pratico dança	11	5	14	0	8	6
namoro	43	31	51	17	34	20
participo grupos religiosos	19	9	37	23	21	10
saio com a família	75	43	74	35	52	41
saio com amigos	71	31	55	47	65	70
vou ao cinema	26	30	25	17	4	24
vou a praça	35	40	33	38	13	24
vou a bares e lanchonetes	35	27	33	10	20	17
vou a praça de alimentação	37	24	33	17	30	24
vou a baladas ou festas	46	13	37	10	17	34
não faço nada	12	8	3	11	17	6
outros	2	5	3	5	0	17

Tabela 4: Lazer dos jovens

Fonte: Elaborado pela autora a partir do resultado do questionário

Observamos que navegar na internet e usar as redes sociais são as atividades mais realizadas para ambos os sexos e pelos jovens das três escolas, com uma diferença quando se trata dos jovens do sexo masculino, da escola urbana, que, em geral, revelam menos frequência nessas atividades. Levantamos uma hipótese de que o sinal da internet e acesso gratuito na região da escola urbana seja inferior, talvez por isso essa diferença.

Embora seja bem expressivo o acesso à internet e às redes sociais como atividade de lazer, aparece nas respostas dos estudantes os limites no acesso, seja por razões econômicas e/ou culturais, o acesso não é universal. Tendo em vista que de modo geral a internet é paga e tem um custo alto para as classes populares, a inclusão digital encontra-se também relacionada com a capacidade dos sujeitos de adquirir o aparelho e as redes de sinais, já que quase não há redes públicas, talvez uma das únicas, para muitos deles, seja a da escola. Por isso, cogitamos que a ligeira diferença entre a opção “navego na internet” e “utilizo as redes sociais” pode ser em parte por escolha própria desses jovens, mas em parte também porque conseguem navegar na internet somente no laboratório de informática da escola. Mas, em geral, o acesso às redes sociais nos computadores das instituições públicas é bloqueado.

Assistir tv é uma atividade ainda bastante presente da vida dos jovens, tanto que fica entre as três atividades mais citadas. Mas os dados indicam que a tv tradicional vem disputando espaço com os seriados. Para assistir “séries” é necessário, em geral, o acesso de serviços de plataformas streaming (Netflix) ou Redes Sociais Digitais, como YouTube. No entanto, para tal, há um custo relacionado ao acesso que pode explicar a diferença entre os jovens do bairro popular e os jovens do centro. Também é possível pontuar uma diferença de gênero, já que os meninos assistem menos séries que as meninas. Há uma pista de que essa diferença seja compensada no videogame.

Em decorrência do crescimento da indústria tecnológica, percebemos que há uma valorização da vida virtual nos jogos pelos jovens que, na perspectiva do processo civilizador de Elias e Dunning (1992), corresponde à passagem da esfera da ação concreta para uma esfera de ação mimética, de representação. A excitação vivida pelos jovens através dos jogos virtuais pode ser o elemento que a torna uma das principais atividades citadas pelos meninos, pois possibilita emoções diferentes daquelas vividas cotidianamente. Como explica Elias, as atividades de ação mimética “[...] despertam emoções de um tipo específico que estão intimamente relacionadas de uma forma específica, diferente, com aquelas que as pessoas experimentam no decurso da sua vida ordinária de não lazer.” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 183).

Percebemos, porém, que há relevantes questões de classe e de gênero quando olhamos para o dado referente ao videogame. Primeiro, porque os preços dos consoles de videogames e jogos no Brasil são bastante elevados, gerando uma divisão entre quem facilmente pode e quem dificilmente consegue, por questão econômica, ter acesso mais facilitado ou mais dificultado para realização dessa atividade. Segundo,

embora estudos apontem um crescimento da presença feminina nos jogos eletrônicos, a grande maioria dos jogadores de videogame ainda permanece sendo masculina. Essa diferença de gênero no consumo do videogame é explicada por Crawford e Gosling (2005) por ser ela uma indústria dominada no seu início - nos anos 80/90 - associada ao público masculino. O estudo dos autores indica que as mulheres quando são iniciadas nos videogames o são através de algum familiar masculino. O resultado da pesquisa realizada por Freitas (2017) também indicou a mesma situação: de que a maioria dos jogadores de games brasileiros foi inicializada através de um indivíduo do sexo masculino, na sua infância ou na sua adolescência.

Outra diferença percebida na nossa pesquisa está no fato de que geralmente as meninas lêem mais do que os meninos, mas na escola rurubana essa diferença não se evidencia. As jovens que mais lêem são as da escola do centro e os meninos que menos lêem são os do bairro. Se olharmos esses dados a partir da origem social dos jovens podemos afirmar que a condição de acesso desproporcional dos bens simbólicos dos pais pode ser uma variável determinante para o acesso ou estímulo à atividade de leitura dos jovens. Claro que pode haver outros determinantes, como a experiência escolar, a condição econômica das famílias, a influência de alguém próximo, a proximidade a equipamentos de leitura, como livrarias, sebos e bibliotecas, que podem ter produzido o desejo dos jovens para dedicar parte do seu tempo livre à leitura. Agora, no post factum da pesquisa, percebemos que teria sido interessante ter-lhes também perguntado o que lêem. Esse dado poderia ser importante para conhecer mais sobre os jovens e o gênero literário que lhes desperta interesse para pensar nas políticas e nas práticas de formação de leitores. Teria sido interessante também para comparar com o diagnóstico apresentado pelo estudo realizado pelo Instituto Pro Livro – Retratos da Leitura no Brasil – cujos dados indicaram que as mulheres lêem mais que os homens e que a Bíblia e os livros de cunho religioso são os livros mais lidos, em qualquer nível de escolaridade.

De modo geral, os meninos praticam mais esportes do que as meninas. Na consulta ao Plano Diretor e no Inventário Turístico do Município constatamos que os ginásios e quadras poliesportivas são os principais equipamentos de lazer da cidade, revelando característica da cultura nacional relacionada à prática do esporte, especialmente do futebol, o que se mostrou evidente nas respostas dos meninos, com ênfase na escola do bairro. Já a dança, ainda que pouco praticada pelos jovens do sexo masculino, é mais praticada pelo sexo feminino. Chama atenção o fato de ser na escola do bairro onde há maior referências da prática da dança pelas meninas e nenhuma referência pelos meninos.

Apenas no bairro rurubano não houve diferença expressiva entre os sexos, embora tenha sido citada – por um pequeno número de jovens – a dança gaúcha, uma dança tradicionalista composta de um homem e uma mulher heterossexuais, em que os passos e a vestimenta expressam marcações importantes de gênero. Evidencia-se assim que no grupo pesquisado somente as danças tradicionalistas não colocam à

prova a masculinidade dos meninos.

Os homens são os peões e realizam movimentos fortes e vigorosos e as mulheres são as prendas que, por sua vez, realizam movimentos mais suaves e delicados, de acordo com os papéis sociais por eles ocupados. Além disto, algumas danças são executadas apenas por peões o que parece refletir diretamente nas relações de gênero que se estabelecem neste universo, bem como nos significados instituídos e instituintes que emergem da temática abordada. (BIANCALANA, 2014, P.29-30)

A partir do resultado da diferença nas práticas de esporte e dança é possível perceber que para esses jovens a dança ainda é significada como prática corporal eminentemente feminina e o esporte como prática corporal masculina. Nesse caso, recorreremos a Butler (2003), entendendo que o gênero começa a ser regulado desde que se anuncia que um bebê é menino ou menina, e que esse determina uma cadeia de atos de linguagem e cria-se um discurso coercitivo em relação ao gênero, de acordo com as normas sociais e culturais.

Nos chamou a atenção também o reduzido número de jovens que frequentam o cinema, pois, no momento da pesquisa, esse estava em envidência na cidade, havendo uma sala de exibição com preços de ingressos relativamente populares. Apesar do cinema ter sido levado para Irati em 1829, ele teve suas atividades encerradas em 1984. Nesse ínterim, houve períodos mais ou menos longos em que o cinema permanecia aberto e outros em que permanecia com as atividades paralisadas. No período mais recente, em agosto de 2017 o mesmo fora reaberto por uma empresa privada, contendo programação diária com filmes comuns dos cinemas comerciais, o que parecia indicar que os jovens estariam frequentando mais o cinema, tendo em vista os poucos equipamentos culturais e de lazer que a cidade oferece.

Podemos considerar os parques urbanos como o espaço mais democrático de lazer do município, por ser um equipamento público e frequentado por pessoas de diferentes faixas etárias e sexo. Mas considerando a localização dos parques percebe-se que há escassez desse equipamento na maioria dos bairros da cidade, principalmente nos mais periféricos. Os dados mostram que os parques concentram-se no centro da cidade e no Bairro Rio Bonito, provavelmente por isso os jovens da escola urbana vão menos aos parques.

Sair com os amigos é uma atividade comum entre os jovens. Se reunir nas praças e parques, assim como ir para bares e lanchonetes, praças de alimentação, baladas e festas. De modo geral, parece que as meninas saem mais e namoram mais que os meninos. Esse dado poderia indicar que está se construindo uma maior mobilidade feminina. Contudo, quando olhamos no conjunto dos outros dados percebemos que os meninos têm mais mobilidade para circular na cidade. É preciso observar, ainda, que o item “vou a festas e baladas e cinema” é menos citado pelas jovens da escola urbana, seja por aspectos da formação cultural das famílias ou pela grande distância do bairro e o centro, onde se encontram esses tipos de estabelecimentos de lazer.

A pesquisa também revelou que os jovens saem com suas famílias. Mas se percebe uma diferença entre os sexos, indicando ser uma atividade mais comum para o sexo feminino. Esse resultado diz algo sobre a característica da cidade, colonizada por imigrantes eslavos que, apesar de hoje apresentar aspectos de modernização - fruto da globalização -, ainda conserva muitos aspectos dos povos tradicionais, uma delas é realizar atividades fechadas junto às suas famílias, como os tradicionais almoços de domingo na casa de parentes. Mas também aponta para uma diferença de movimento dos jovens na cidade, na qual os meninos possuem maior mobilidade para praticar atividades extrafamiliares.

#### 4 | JOVENS E O TRABALHO

O resultado do questionário mostra que uma parcela significativa dos jovens estudantes do terceiro ano ensino médio tem a vida envolvida em atividades de trabalho. Mas a maioria na informalidade, sem carteira assinada, sem garantia dos direitos sociais trabalhistas básicos.

Situação jovem	Escola C M	Escola C F	Escola B M	Escola B F	Escola R M	Escola R F
estou trabalhando	35%	24%	29%	22%	38%	21%
nunca trabalhei	23%	46%	29%	33%	13%	34%
estou procurando emprego	18%	27%	37%	33%	17%	43%
Já trabalhei, mas não estou	17%	16%	17%	14%	20%	8%
trabalho com carteira	12%	5%	17%	0%	0%	17%
trabalho com a família	6%	5%	5%	4%	20%	13%
trabalho eventual	5%	1%	0%	7%	10%	26%
prefiro não responder	3%	1%	5%	4%	10%	4%

Tabela 5: Situação do jovem com relação ao trabalho

Fonte: Elaborado pela autora a partir do resultado do questionário

Conforme indicação no quadro acima, há uma variável importante entre os sexos, ficando evidente a maior participação dos jovens do sexo masculino nas atividades de trabalho. Entretanto, nota-se que a busca pelo emprego é superior nas respostas do sexo feminino.

Esse pode ser um indicativo que provém de uma maior dificuldade dos jovens do sexo feminino em conseguir trabalho, conforme nota-se nos dados da pesquisa, e nos indicadores de taxa de ocupação dos jovens no município (T6). Mas além disso, pode apontar para arranjos familiares que levam a postergar o ingresso das filhas no mercado de trabalho após a conclusão dos estudos, tendo em vista que os dados da pesquisa indicam que as meninas planejam mais uma vida acadêmica antes de ofertar trabalho (G1 e 2). Ainda pode significar que a inserção da mulher no trabalho doméstico inicie muito cedo para algumas meninas, tanto que quando questionadas

sobre responsabilidade, em torno de 10% das meninas já se consideram responsáveis pelas atividades domésticas, enquanto nenhum menino marcou essa opção.

A taxa de ocupação dos jovens de 15 a 29 anos do município de Irati (T5), indicava que 63,4 % trabalhavam em 2010 - 10,8% conciliando com os estudos, 52,5% apenas trabalhavam. Percentual difere um pouco do índice do estado, sendo superior o índice de jovens que conciliam trabalho e estudo, 16,5%, 47,6% respectivamente. Outra coisa, há grande diferença em relação ao sexo – 10,9% das jovens mulheres de Irati conciliavam trabalho com o estudo e apenas 3,9% dos homens o faziam. A parcela de mulheres que trabalhavam era de 42,4, e 87,9 para os homens, ou seja, mais que o dobro. Vale notar que essa diferença em relação ao sexo também é observada em relação ao índice do estado, embora mais acentuada no município de Irati.

A tabela (6) ainda mostra que o percentual de jovens mulheres apenas estudando (21,4) é muito superior que dos homens (0,5), mas comparando com os índices do estado, é possível verificar que o percentual é relativamente próximo. Também a situação de inatividade (nem trabalha, nem estuda) a porcentagem de mulheres que fica sem trabalho e fora da escola é três vezes mais que os homens.

Região	Sexo	Faixa etária	Trabalhava		Apenas estudava	Nem trabalha nem estuda	Total	
			Estudava	Não estudava				
Brasil	Total	Jovens	13,6	41,6	22,2	22,6	100,0	
		Não jovens	4,2	56,7	1,9	37,2	100,0	
	Homens	Jovens	7,9	76,7	2,0	13,5	100,0	
		Não jovens	4,2	69,6	1,1	25,0	100,0	
	Mulheres	Jovens	12,7	33,8	24,1	29,5	100,0	
		Não jovens	4,2	45,0	2,6	48,2	100,0	
	Paraná	Total	Jovens	16,5	47,6	19,0	16,9	100,0
			Não jovens	4,0	61,6	1,4	33,0	100,0
Homens		Jovens	8,0	82,3	1,3	8,3	100,0	
		Não jovens	3,9	74,0	0,8	21,3	100,0	
Mulheres		Jovens	15,6	40,0	20,9	23,5	100,0	
		Não jovens	4,1	50,2	1,9	43,8	100,0	
Irati		Total	Jovens	10,8	52,6	19,3	17,2	100,0
			Não jovens	2,0	63,1	1,0	33,8	100,0
	Homens	Jovens	3,9	87,9	0,5	7,7	100,0	
		Não jovens	2,1	75,3	0,6	22,1	100,0	
	Mulheres	Jovens	10,9	42,4	21,4	25,4	100,0	
		Não jovens	2,0	51,9	1,4	44,6	100,0	

Tabela 6: Taxa de ocupação e frequência à escola ou creche segundo sexo, jovens (15 a 29 anos) e não jovens (30 anos ou mais). Brasil, Sul, Paraná e Irati, 2010

Fonte: Censo

Elaboração: a autora

Outra coisa, a busca pelo emprego também pode revelar algo sobre o desemprego entre os jovens: Um estudo realizado por Branco (2008) evidencia que as taxas de desemprego entre os jovens de 16 a 24 anos representam praticamente o dobro

quando comparado com a população adulta. Quando conseguem uma ocupação, na maioria das vezes, são vínculos precários, temporários, porém pela necessidade imediata de sobrevivência pessoal ou familiar, muitos jovens, acabam se sujeitando.

Pochmann e Ferreira (2016) também analisam os dados do IBGE de 2013 comparando-o com o de 1992, e percebem que a expansão da parcela da juventude com acesso ao ensino foi acompanhada tanto do aumento na taxa de inatividade como da queda na taxa de ocupação. Para os autores foi por intermédio da proibição do trabalho até 15 anos e pela oferta de vagas e formas de financiamento público da inatividade que foi possível que os filhos dos trabalhadores ampliassem a escolarização, postergando seu ingresso no mercado de trabalho. Mas ainda, no Brasil, para cada dez jovens quase sete são ativos no mercado de trabalho, significativamente diferente de países desenvolvidos que a cada nove jovens, apenas um trabalha.

O resultado do questionário mostra que dos jovens que trabalham, em torno de 30% deles, realizam atividades de meio período e conciliam com a escola. Desses, em torno de 60% trabalham para seus gastos individuais, como a compra de mercadorias como roupas, tênis, maquiagem, celular, mas também para poder realizar atividades de lazer e de tempo livre e 40% afirmaram que trabalham para auxiliar nos gastos da família, principalmente, nos momentos de aperto.

Para saber sobre o trabalho dos jovens, incluímos uma questão aberta solicitando que anotassem em que atividade trabalha ou já trabalhou. As respostas, somadas as vezes em que foram citadas, encontram-se sistematizadas em dois gráficos, separadas as respostas apenas por sexo. Alguns jovens citaram apenas o programa de inserção – jovem aprendizagem ou estágio, não mencionando a atividade, isso dificultou a identificação mais exata, mas permitiu, mesmo assim, alguns apontamentos.

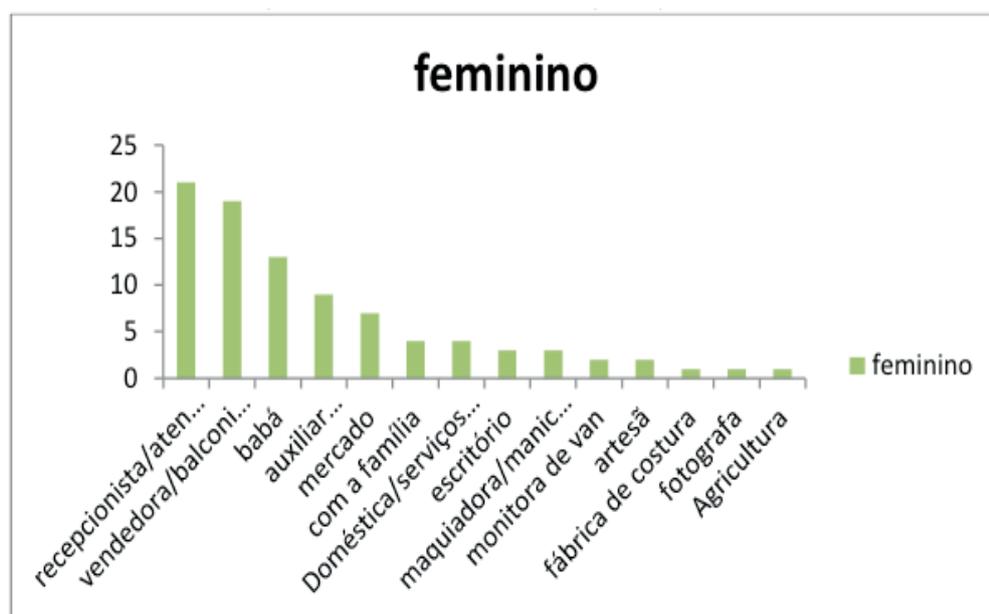


Gráfico 1: Principais atividades mencionadas pelos jovens de sexo feminino

Fonte: Elaborado pela autora a partir do resultado do questionário

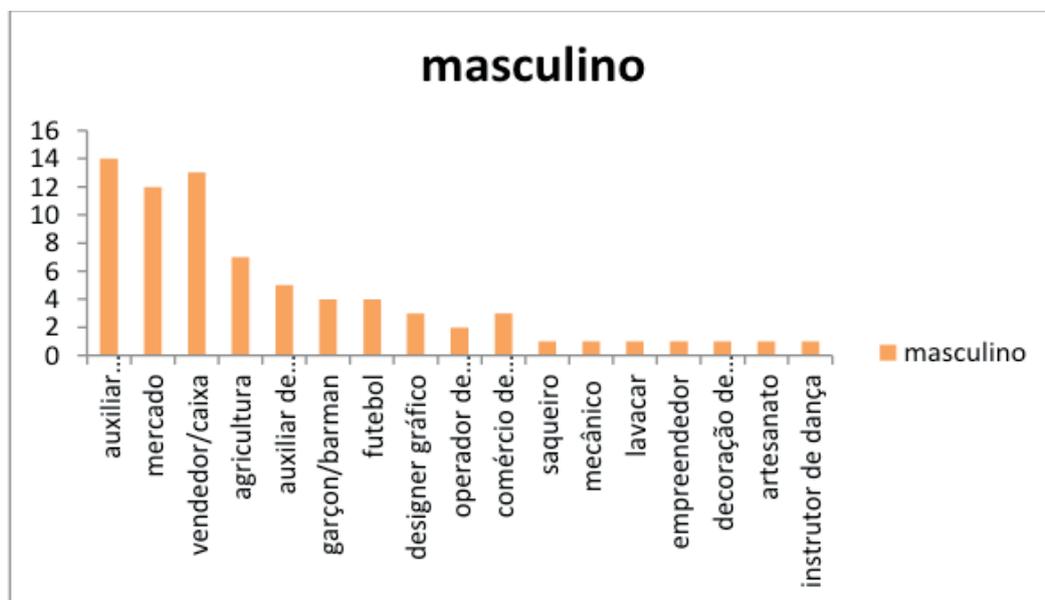


Gráfico 2 : Principais atividades mencionadas pelos jovens do sexo masculino

Fonte: Elaborado pela autora a partir do resultado do questionário

A partir dos gráficos, podemos dizer que os jovens estudantes da escola públicas investigada representam um leque de trabalhadores do setor de serviços e comércio, que estão inseridos no mercado de trabalho, quando há estágio pelo CIEE e ou pelo Programa Jovem aprendiz ou ainda na informalidade. As ocupações diferem-se por sexo, ficando perceptível no gráfico o predomínio dos meninos em atividades tradicionalmente consideradas masculinas – empacotador de supermercado, garçon, auxiliar de pedreiro e as meninas em atividades socialmente consideradas femininas como o cuidado de crianças – babá, recepcionista, vendedora.

A inserção profissional dos jovens seja na formalidade ou em atividades informais, apesar de não serem permanentes, indicam trabalhos que não exigem qualificação, precariamente remunerados, e ainda a disposição ou necessidade dos jovens em trabalhar quando ainda cursam o ensino médio.

Entre 2014 e 2017 as contratações na modalidade - primeiro emprego – no município reduziram sua participação no total de admissões de jovens de 45% para 35,1% (T6). Por outro lado, as mulheres observaram crescimento nesse tipo de contratação, avançando de 46,2% das admissões para 48,5% na mesma categoria. Ainda que seja um avanço tímido, já indica a disposição para entrada da mulher jovem no mercado de trabalho.

As consequências da crise econômica no mercado de trabalho formal de jovens podem ser inferidas por meio do estudo da movimentação de seus vínculos. As demissões sem justa causa, por iniciativa do empregador, aumentaram no período, e atingiram 47,2%. Por outro lado, os desligamentos a pedido do trabalhador se reduziram, atingindo 26,7% do total. O aumento da dispensa sem justa causa e queda do desligamento a pedido indicam desaquecimento do mercado de trabalho formal entre jovens, que optam por permanecer no posto – ainda que sob a ameaça de

demissão – frente à dificuldade de se recolocar no mercado de trabalho.

		Admissões no ano					
Tipo Admissão	Sexo	2011		2014		2017	
		Nº abs	Part. %	Nº abs	Part. %	Nº abs	Part. %
	Total	680	100,0	477	100,0	398	100,0
Primeiro Emprego	Masculino	366	53,8	272	57,0	205	51,5
	Feminino	314	46,2	205	43,0	193	48,5
	Total	814	100,0	864	100,0	717	100,0
Reemprego	Masculino	496	60,9	498	57,6	376	52,4
	Feminino	318	39,1	366	42,4	341	47,6
	Total	16	100,0	18	100,0	20	100,0
Outros	Masculino	10	62,5	9	50,0	14	70,0
	Feminino	6	37,5	9	50,0	6	30,0
		Desligamentos no ano					
Demissão por conta do empregador	Total	682	100,0	793	100,0	562	100,0
	Masculino	429	62,9	502	63,3	347	61,7
	Feminino	253	37,1	291	36,7	215	38,3
	Total	792	100,0	726	100,0	318	100,0
Desligamento a pedido	Masculino	473	59,7	432	59,5	159	50,0
	Feminino	319	40,3	294	40,5	159	50,0
	Total	285	100,0	282	100,0	281	100,0
Término Contrato	Masculino	137	48,1	153	54,3	158	56,2
	Feminino	148	51,9	129	45,7	123	43,8
	Total	21	100,0	28	100,0	30	100,0
Outros	Masculino	9	42,9	17	60,7	26	86,7
	Feminino	12	57,1	11	39,3	4	13,3

Tabela 6: Movimentação no emprego formal de jovens (15 a 24 anos) segundo tipo de admissão e desligamento. Irati, 2011, 2014 e 2017

Fonte: Rais/Mtb

Elaboração: a autora

Quanto a inserção setorial e ocupacional de jovens no mercado de trabalho formal de Irati, podemos dizer que dois setores de atividade econômica são responsáveis pela maior parte dos vínculos associados a jovens em Irati: o Comércio, responsável por 48% das vagas, e a Indústria, com 36,0%. Das 10 ocupações com maior participação no estoque de empregos formais de jovens (T4), quatro estão associadas a indústria, três ao comércio, duas aos serviços e uma a agropecuária. Sobre esse último setor, é importante mencionar que parte significativa da ocupação se dá na informalidade ou na transmissão de propriedade rural por herança.

Em relação às dez famílias ocupacionais com maior participação no estoque de emprego de jovens, vemos que a ocupação de Montadores de equipamentos eletroeletrônicos é aquela com maior parcela de vínculos sub-escolarizados: 30,5% em 2017. Na sequência do ranking da sub-escolaridade da força de trabalho formal aparecem as ocupações de escriturário, em geral e de apoio a produção, com 18,8%

e 22,25, respectivamente. Parte dessa sub-escolarização pode ser explicada pela possibilidade destas ocupações admitirem contratação de jovens em caráter de primeiro emprego, quando ainda cursam o ensino médio. De todo modo, elas poderiam ser alvo de cursos de qualificação profissional, por exemplo; já que todas têm indicativo da demanda deste nível de formação.

Família ocupacional	Estoque de empregos							Setor econ.	Remuneração média em 2017
	2011		2014		2017		Variação média anual		
	Nº abs.	Part. %	Nº abs.	Part. %	Nº abs.	Part. %			
Vendedores e demonstradores em lojas ou mercados	380	14	444	16	389	17	0,4	Comércio	1106
Montadores de equipamentos eletroeletrônicos	689	26	344	13	275	12	-14,2	Indústria	1180
Escriturários em geral	170	6	263	10	261	11	7,4	Serviços	1124
Caixas e bilheteiros (exceto caixa de banco)	130	5	139	5	149	6	2,3	Comércio	1140
Alimentadores de linhas de produção	85	3	78	3	83	4	-0,4	Indústria	1116
Magarefes e afins	44	2	62	2	71	3	8,3	Indústria	1222
Trabalhadores de embalagem e de etiquetagem	78	3	68	2	66	3	-2,7	Comércio	973
Escriturários de apoio à produção	3	0	39	1	54	2	61,9	Indústria	1061
Trabalhadores na exploração agropecuária em geral	7	0	37	1	54	2	40,6	Agropecuária	920
Garçons, barmen, copeiros e sommiers	23	1	90	3	52	2	14,6	Serviços	1115
<b>Subtotal 10 maiores</b>	<b>1.609</b>	<b>59,6</b>	<b>1.564</b>	<b>57,5</b>	<b>1.454</b>	<b>100</b>	<b>-1,7</b>	Comércio (48%)	1127
<b>Demais famílias ocupacionais</b>	<b>1.091</b>	<b>40,4</b>	<b>1.157</b>	<b>42,5</b>	<b>881</b>	<b>60,6</b>	<b>-3,5</b>	Indústria (36%)	
<b>Total</b>	<b>2.700</b>	<b>100,0</b>	<b>2.721</b>	<b>100</b>	<b>2.335</b>	<b>160,6</b>	<b>-2,4</b>		

Tabela 07: Estoque de empregos formais de jovens (15 a 24 anos) nas 10 famílias com participação no emprego municipal. Irati, 2011, 2014 e 2017

Fonte: Rais/Mtb

Elaboração: a autora

Quanto as decisões após conclusão do ensino médio, os dados indicam algumas questões. Primeiro, que a passagem do ensino médio para a universidade para a maioria dos jovens depende de consilhar estudo com o trabalho. Mas há um registro importante, principalmente para jovens da escola urbana e do bairro de trabalhar e não continuar os estudos. No item interesse de prestar vestibular e fazer faculdade, utilizar a nota do SISU ou do ENEM observa-se que é um pouco mais evidente o interesse manifestado pelas meninas, e que há também uma disparidade entre as escolas, principalmente, a desvantagem da escola do bairro. De modo geral apenas uma minoria citaram outros planos, como casar e ter filhos, servir o quartel, ingressar na polícia ou no exército, ter um serviço próprio, tentar trabalho em outro lugar.

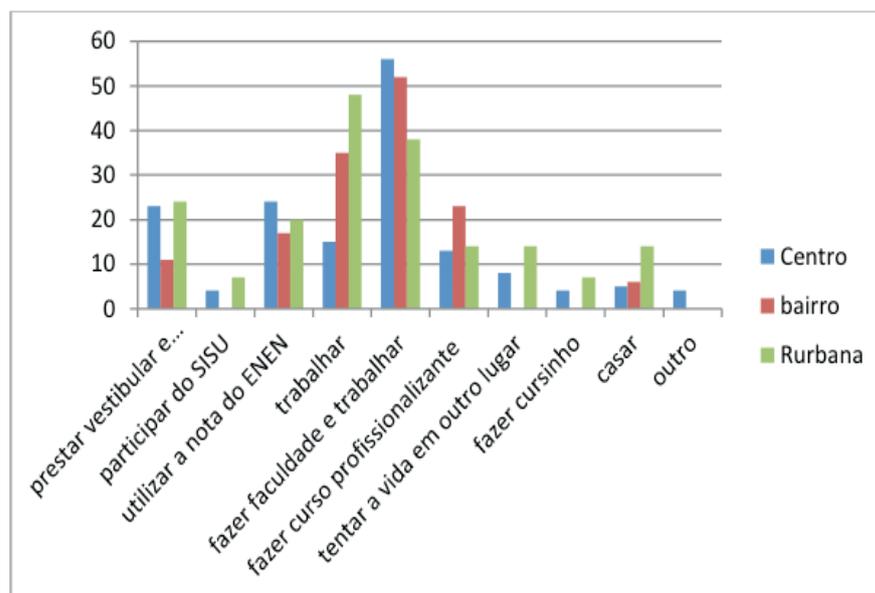


Gráfico 3: Principais pretensões dos jovens do sexo masculino

Fonte: Elaborado pela autora a partir do resultado do questionário

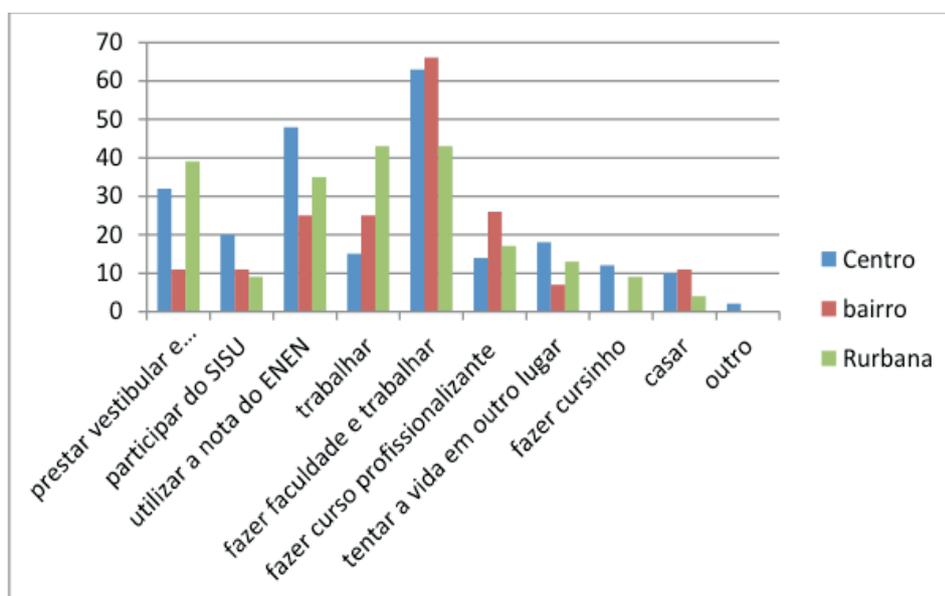


Gráfico 4: Principais pretensões dos jovens do sexo feminino

Fonte: Principais pretensões dos jovens do sexo feminino.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As questões que foram apresentadas neste texto fazem parte de uma pesquisa em andamento que tem intensão dar visibilidade a juventude, não como uma juventude abstrata, mas como uma categoria heterogênea, atravessada por condições diversas e desiguais, que, de modo geral, referem-se ao contexto social e histórico, mas também às relações de classe, gênero, cor/raça.

No universo juvenil dessa pesquisa, percebe-se que as referências a diversos produtos da humanidade, como o trabalho, a cultura, o lazer, a ciência e a tecnologia, se cruzam com outras relações sociais, como a classe social e de gênero. Por

exemplo, na manifestação da orientação sexual, as meninas e meninos posicionam-se diferentemente nessa relação por, possivelmente, serem afetados de forma diferente por ela. Mas é na escola mais periférica, onde a bissexualidade feminina encontra maior expressão.

Notou-se, nos dados apresentados sobre o lazer dos jovens, que: há restrição de acesso às atividades recreativas, que segundo Elias e Dunning (1992) são as atividades de tempo livre que apresentam características de lazer. A variabilidade na composição social dos jovens das escolas de centro e de periferia, atreladas a outros fatores como classe social, sexo e gênero apontaram importantes diferenças e desigualdades no acesso dos jovens a diversos produtos da sociabilidade humana, como a cultura, o lazer e a tecnologia, mas também notamos a restrição de equipamentos públicos de lazer na cidade. A sociabilidade aparece como o elemento central na ocupação do tempo livre dos jovens e é um momento de construções sociais com múltiplas mediações, inclusive de cunho religioso (a qual não foi possível explorar neste momento).

No caso do trabalho, os dados indicam que em torno de 30% dos jovens do estudantes do ensino médio tem alguma experiência com o trabalho, a maioria no setor de serviços e comércio, inseridos por estágio pelo CIEE e ou pelo Programa Jovem aprendiz ou ainda na informalidade. Mas há diferenciações por sexo, tanto no percentual que trabalha, 35% do meninos, 22% das meninas, quanto o tipo de ocupação.

É importante destacar que o desenvolvimento do jovem e seus projetos para o futuro é visualizado no cenário da luta de classes, e não numa suposta abstrata juventude. Ao projetar seu futuro no mundo e nele agir o jovem das classes populares vincula-se à necessidade urgente de ingresso no mercado de trabalho, inclusive para garantir um projeto de estudo e de formação profissional. Quanto aos planos relacionados a continuidade dos estudos observa-se que é um pouco mais evidente o interesse manifestado pelas meninas, e que há também uma disparidade entre as escolas, principalmente, a desvantagem da escola do bairro.

#### Notas:

Notas de fim'

<sup>i</sup> De modo geral, a primeira escola fica próxima ao centro, é considerada a maior escola da cidade - segundo os dados divulgados pela Secretaria de Educação do Estado são 613 alunos matriculados no ensino fundamental e 682 no ensino médio – tem sido frequentada por alunos de diferentes bairros e do centro da cidade. A segunda escola, chamada neste estudo de escola do Bairro, é menor, são 232 alunos matriculados no ensino fundamental e 105 no ensino médio, localizada num bairro próximo ao centro, mas também a regiões mais periféricas da cidade, onde as desigualdades sociais são mais evidentes. A terceira escola também tem menos alunos, 223 matriculados no ensino fundamental e 102 alunos no ensino médio, fica afastada do centro, a uma distância aproximada de 7km. Trata-se de bairro dentro do perímetro urbano, mas com muitas características de rural, que pode ser classificado como um espaço Rurbano. A maioria dos alunos são do próprio bairro ou do campo, filhos de pequenos agricultores.

<sup>ii</sup> Essa região integra o chamado “Paraná tradicional” cuja organização do espaço foi vinculada inicialmente a atividades econômicas tradicionais, como a extração da erva-mate e à agricultura alimentar.

<sup>iii</sup> Para Hirata (2014), ambos os conceitos – interseccionalidade e consubstancialidade - partem do pressuposto central da epistemologia feminista e do movimento Black Feminism, surgido no final dos anos

1970, cuja crítica focalizou o feminismo branco, de classe média e heteronormativo.

<sup>iv</sup> Uma investigação a esse respeito foi realizada pelo Observatório do Ensino Médio da Universidade Estadual do Estado do Paraná, coordenado pela professora Mônica Ribeiro da Silva – Juventude, Escola e Trabalho: sentidos e significados atribuídos à experiência escolar por jovens que buscam a educação profissional técnica de nível médio.

<sup>v</sup> A menor diferença entre o sexo masculino e feminino é observada na escola Rurbana.

<sup>vi</sup> É possível observar também entre o censo do IBGE de 2000 e 2010, considerando a taxa de escolarização global de jovens de 15 a 19 anos de Irati – que esta aumentou entre 2000 e 2010, de 56,7% para 61,8%, sendo ligeiramente superior a escolarização das mulheres (62,7%).

<sup>vii</sup> O torneio do trabalhador passou pela sua 50<sup>a</sup> edição no ano de 2018, o evento ocorre no dia 1º de maio, no estádio Municipal Abrahm Nagib Nejm, em comemoração ao dia do trabalhador. O torneio de futebol é dividido em duas categorias, a “formal”, que reúne trabalhadores que possuam carteira profissional, e “informal”, onde atuam os profissionais autônomos, liberais e trabalhadores rurais. Há ainda a categoria feminina, que já existe há quatro anos. Na confraternização do Dia do Trabalhador, e é possível almoçar no local ou adquirir as porções para levar para casa, pode-se comprar o churrasco, salada e maionese. (IRATI, 2008)

<sup>viii</sup> A pesquisa realizada pelo Sioux (Agencia de Tecnologia interativa e pela ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing) sobre o perfil do games brasileiro, aponta que a maior parte dos consumidores de games é composta pelo público feminino. Contudo, há uma diferença no tipo de consumo: O consumo feminino é na modalidade casual game – é aquele desenvolvido para diversos públicos, com foco em promover experiências divertidas, de fácil aprendizagem e jogabilidade simples. (CGA, Casual Games Associaton: Facts: What is the size of the casual games industry. Acesso: <http://www.casualconnect.org/>).

<sup>ix</sup> A maioria dos pais (pai e /ou mãe) da escola Bairro e Rurbana não possuem mais que o ensino fundamental, e na escola Bairro à entrada dos pais na universidade é praticamente nula. Numa comparação geral vemos que entre os menos providos de capital cultural institucionalizado estão os pais dos jovens da escola Bairro e entre os mais providos, os pais da escola Centro.

<sup>x</sup> Retratos da leitura no Brasil 4/ organização de Zoara Failla. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

<sup>xi</sup> No Plano diretor do município há referência ao espaço público dedicado a eventos conhecido como Centro de Tradições Willy Laars, voltado à realização de rodeios e competições afins. O espaço foi criado em função do crescimento do movimento tradicionalista gaúcho em Irati e abriga o Rodeio de Irati, o maior rodeio crioulo do Estado. Também o Centro de Tradições Gaúchas Esteio da Esperança, fundado em 2001, e o Centro de Tradições Gaúchas XV de Julho, fundado em 1998, sendo ambos voltados à dança, declamação e demais manifestações do folclore gaúcho. Na cidade há frequentes bailes gaúchos, como as tradicionais domingueiras, e também curso de dança gaúche na danceteria Park Dance, que uma das duas danceterias da cidade.

<sup>xii</sup> Além da cultura da dança gaúcha, também é conhecido o Centro de Tradições Polonesas Três de Maio e o Grupo Folclórico Ucraniano Ivan Kupalo, composto por crianças, jovens e adultos.

<sup>xiii</sup> Danças Tradicionalistas Riograndenses, Gênero e Memória. Available from: [https://www.researchgate.net/publication/317268812\\_Dancas\\_Tradicionalistas\\_Riograndenses\\_Genero\\_e\\_Memoria](https://www.researchgate.net/publication/317268812_Dancas_Tradicionalistas_Riograndenses_Genero_e_Memoria) [accessed Jan 25 2019].

<sup>xiv</sup> Os parques estão localizados no centro da cidade: A Praça Edgard Andrade Gomes, chamada também de “Praça da Dona Noca”, que conta com playground, pista de skate, cancha de areia, pista de caminhada e área verde com bancos. A Praça Etelvina de Andrade Gomes, conhecida popularmente como “Praça da Matriz” dada sua localização (em frente à Igreja Nossa Senhora da Luz), possui playground, academia ao ar livre, quadra de basquete, chafariz, bancos, área verde e uma pequena banca de lanches e bebida. A Praça Magdalena Giacomello Anciuitti ou popularmente “Praça da Bíblia”, pois possui um Monumento à Bíblia, e situa-se em frente a duas escolas da rede municipal e estadual de ensino e da Igreja São Miguel, e é conhecida pelo local de encontro dos homens da terceira idade para jogo de cartas ou dominó. A Praça da Bandeira, no centro, é uma referência para realização das atividades cívicas, e possui uma placa em homenagem à comunidade polonesa de Irati e pequenas mesas de concreto com tabuleiro.

<sup>xv</sup> Em termos de geração de emprego formal, segundo dados da Rais (2017) das atividades econômicas do extinto Ministério do Trabalho, a cidade de Irati possui uma economia baseada principalmente nas atividades de atividades de comércio e serviços. O setor da agricultura contribui pouco em termos de geração de emprego formal, o que significa que as maiores parcelas dos ocupados alocados neste setor estão trabalhando por conta própria, seja como proprietários de estabelecimentos rurais.

<sup>xvi</sup> Entre 2011 e 2014 as contratações na modalidade - primeiro emprego - reduziram sua participação no total de admissões de jovens de 45% para 35,1%.

<sup>xvii</sup> Porém, “o trabalho juvenil e de meio período, que permite a boa parte deles prosseguir estudando, é utilizado pelas empresas como justificativa para os baixos salários”. (LEITE, 2009, p.29)

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (org). Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2011

ABRAMOVAY, Miriam. Juventude e sexualidade / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: UNESCO Brasil, 2004

BIANCALANA, G. R. Danças Tradicionalistas Riograndenses, Gênero e Memória. Conceição I Concept., Campinas, SP, v. 3, n. 2, p. 23-33, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/ppgac/article/view/237>

BRANCO, P. P. M. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (org). Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2011

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CRAWFORD, G. e GOSLING, V. Toys for Boys? Women's marginalization na participation as digital gamers. Sociological Research Online, v. 10, 2005. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/24131921\\_Toys\\_for\\_Boys\\_Women's\\_Marginalization\\_and\\_Participation\\_As\\_Digital\\_Gamers](https://www.researchgate.net/publication/24131921_Toys_for_Boys_Women's_Marginalization_and_Participation_As_Digital_Gamers)

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ.Soc., Campinas, vol 28, n 100. Especial, p.1105-1128, out 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

FREITAS, G. R de. Jogadoras e jogadores de videogame: do consumo do jogo as avatares entre gêneros. (Dissertação de mestrado). UFRGS, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/185985/001081863.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

HIRATA, H. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1. P. 61-73, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979>

23

IRATI. Inventário da oferta turística de Irati. Prefeitura Municipal de Irati/Universidade Estadual do Centro-Oeste. 2018.

KERGOAT, D. O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectiva interseccionais. Organização Alice Rangel de Paiva Abreu, Helena Hirata, Maria Rosa Lombardi; tradução Carol de Paula. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

PARANÁ. Leituras regionais: Mesorregião geográfica. Sudeste Paranaense/Instituto Paranaense de desenvolvimento econômico e social. Curitiba: IPARDES, brde, 2004.

POCHMANN, M; FERREIRA, E. B. Escolarização de jovens e igualdade no exercício do direito à educação no Brasil: Embates do séc XXI. Educ. Soc., Campinas, v. 37, nº. 137, p.1241-1267, out.-dez., 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v37n137/1678-4626-es-37-137-01241.pdf>

SILVA, M. R da, PELISSARI, L.B; STEIMBACH, A. A. Juventude, escola e trabalho: permanência e

abandono na educação profissional de nível médio. Juventude e ensino médio: sentidos e significados da experiência escolar. [organizadoras Monica Ribeiro da Silva, Rosangela Gonçalves de Oliveira]. Curitiba: UFPR/setor de Educação, 2016.

SPÓSITO, M. P.; SOUZA, R.; SILVA, F. A. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 44, p. 1-24, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/ep/v44/en\\_15179702-ep-S1678-4634201712170308.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ep/v44/en_15179702-ep-S1678-4634201712170308.pdf)

SPÓSITO, Marília Pontes. Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 1 e 2 / Marília Pontes Sposito, coordenação. – Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ação Civil Pública 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102

### C

Ciências Jurídicas 18, 38, 51, 63, 79, 91, 103, 115, 122, 134, 143, 149, 163, 177, 200, 211, 217, 229, 237, 243, 257, 258, 264, 276

Constitucionalismo 18, 24, 36, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 62

Controle de Constitucionalidade 21, 38, 43, 49, 52, 68

Corte Interamericana de Direitos Humanos 1, 2, 7, 10

Crise 6, 11, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 49, 51, 61, 192, 219, 221, 222, 224, 226, 227, 266

### D

Democracia 10, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 42, 50, 52, 53, 57, 61, 66, 75, 167, 168, 175, 219, 222, 226, 267, 268

Direitos Humanos 1, 2, 7, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 37, 39, 49, 58, 61, 62, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 105, 110, 113, 114, 149, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 229, 234, 235, 236, 245, 248, 267, 268, 269, 270, 275, 276

### E

Educação 4, 5, 45, 77, 78, 81, 82, 88, 89, 90, 106, 107, 110, 112, 133, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 196, 197, 198, 199, 204, 205, 209, 215, 217, 218, 219, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 241, 242, 247, 252, 257, 268, 276

Educação Indígena 149, 151, 152, 153, 154, 157, 158

Educação Superior 169, 219, 221, 223, 224, 225, 226, 230, 231

Efetividade 10, 18, 26, 38, 40, 42, 47, 51, 63, 79, 86, 91, 95, 103, 105, 115, 122, 134, 143, 149, 163, 173, 177, 200, 211, 217, 229, 237, 243, 258, 264, 275, 276

Ensino Jurídico 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228

Escola 17, 39, 49, 88, 148, 152, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 169, 170, 173, 175, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 196, 197, 198, 199, 201, 203, 204, 205, 209, 210, 224, 231, 234, 241, 275, 276

### F

Feminicídio 264, 265, 266, 270, 271, 272, 273, 274, 275

### G

Garantismo 44, 45, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62

Garífuna 1, 2, 7, 8, 9, 10, 15, 16

## H

Habitação 105, 106, 107, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121

Honduras 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 15, 16, 17

## I

Idoso 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 165

## J

Justiça Restaurativa 39, 49, 211, 212, 213, 214, 215, 216

## M

Mulher 100, 165, 178, 187, 189, 192, 229, 233, 234, 235, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275

## P

Penas Restritivas 243, 244, 247, 250, 255

Pesquisa 2, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 52, 61, 63, 115, 117, 118, 122, 123, 132, 134, 136, 146, 147, 163, 165, 166, 172, 173, 177, 179, 180, 181, 187, 188, 189, 195, 197, 198, 199, 200, 210, 223, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 240, 241, 244, 249, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 273, 276

Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos 163, 165, 167, 169, 173, 175, 235

Políticas Públicas 12, 13, 20, 27, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 79, 81, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 104, 105, 107, 113, 136, 140, 151, 158, 165, 168, 172, 198, 235, 237, 257, 259, 260, 262, 272, 274, 276

Projeto de Extensão 237, 238, 241, 250

## R

Realidade Social 22, 222, 223, 237, 241, 266

Responsabilidade Civil 122, 123, 124, 125, 127, 129, 130, 132, 133, 148

Responsabilidade Social 229, 233, 235

## S

Saúde 16, 26, 45, 46, 82, 103, 105, 106, 107, 108, 110, 117, 122, 127, 128, 129, 130, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 164, 165, 206, 207, 214, 215, 226, 255, 268, 271, 275

Supremo Tribunal Federal 38, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 72, 74, 76, 78, 93, 98

## U

Universidade 1, 16, 17, 24, 37, 38, 51, 61, 62, 63, 79, 103, 114, 115, 121, 122, 143, 155, 163, 183, 194, 197, 198, 200, 211, 216, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 242, 243, 250, 256, 257, 258, 259, 271, 274, 275, 276

## V

Violência Doméstica 165, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 265, 272, 273

Violência escolar 200, 201, 204, 207, 208

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**